

A Tarde de Uma Vaca

William Faulkner

Tradução de
Sueli Cavendish

O Senhor Faulkner e eu nos sentávamos sob a amoreira com as nossas primeiras gasosas da tarde enquanto ele me informava sobre o que escrever na manhã seguinte, quando Oliver apareceu subitamente pelo canto do alpendre, correndo e com seus olhos parecendo bem brancos e bem esbugalhados. “*Sr. Bill!*” ele gritou. “*Eles butaru fogo nu pasto!*”

“_____” gritou o Sr. Faulkner, com aquela prontidão que muito freqüentemente caracteriza os seus atos, “_____esses meninos para _____!” pondo-se de pé num salto e referindo-se ao seu próprio filho, Malcolm, e ao filho do seu irmão, James, e ao filho do cozinheiro, Rover ou Grover. Grover é seu nome, embora tanto Malcolm quanto James (eles e Grover são da mesma idade e cresceram não apenas contemporaneamente mas quase inextricavelmente) insistam em chamá-lo Rover desde que começaram a falar, de modo que agora a casa inteira, incluindo a própria mãe do infante e naturalmente o próprio infante, chamam-no de Rover também, com exceção de mim, cuja crença e prática nunca foi a de chamar qualquer criatura, homem, mulher, criança ou animal, por outro nome que o seu de direito – assim como não permito que ninguém me chame por outro que o meu, embora eu saiba que pelas minhas costas tanto Malcolm quanto James (e sem dúvida Rover ou Grover) referem-se a mim como Ernest Vaselina – uma forma baixa e crassa do chamado gênio ou humor para a qual as crianças, essas duas em particular, demonstram uma inclinação demasiado forte. Eu tentei em mais de uma ocasião (isso foi há anos atrás; há muito tempo desisti) explicar-lhes que minha posição nesta casa não é de forma alguma servil, uma vez que eu venho escrevendo os romances e contos do Senhor Faulkner há anos. Mas convenci-me a tempo (e até reconciliei-me com isso) de que nenhum dos dois sabia ou sequer se importava com o significado do termo.

Eu não penso que me antecipei ao dizer que não sabíamos onde os três meninos estariam agora. Não se esperaria que soubéssemos, para além de um sentimento ou uma convicção geral de que eles estariam nesse momento escondidos na palha do celeiro ou do estábulo – isso por experiência prévia, embora experiência nunca houvesse antes incluído incêndio premeditado. Nem eu sinto que violei ainda mais as regras formais da ordem, unidade e ênfase ao dizer que nunca, em nenhum momento sequer, supusemos que eles estivessem onde mais tarde a evidência indicou que eles agora estavam. Entretanto mais sobre esse assunto anônimo: nós não estávamos pensando nos meninos agora; como o próprio Senhor Faulkner poderia ter observado, alguém deveria ter estado pensando neles dez ou quinze minutos atrás; que agora era muito tarde. Não, nossa preocupação era alcançar o pasto, embora não com qualquer esperança de salvar o feno que havia sido o orgulho do Senhor Faulkner e mesmo a sua esperança – uma excelente, embora diminuta, plantação desse grão ou forrageira levemente cercada e protegida do pasto propriamente dito de certas incursões dos três animais cujo prazer o pasto consistia, que havia sido planejado como uma alternativa ou fator de equilíbrio no aprovisionamento invernal dessas três bestas. Não tínhamos qualquer esperança de salvar isso, uma vez que o mês era setembro depois de um verão seco, e sabíamos que isso tanto quanto o restante do pasto queimariam quase com a instantânea celeridade da pólvora ou do celulóide. Quer dizer, eu não tinha esperança disso e sem dúvida Oliver não tinha qualquer esperança disso. Eu não sei que emoção o Senhor Faulkner nutria, uma vez que parece (ou assim eu li e ouvi) um traço humano fundamental recusar reconhecer a má fortuna com respeito a algum objeto que o homem ou deseja ou já possui e valoriza, até que ele o tenha derrubado e aniquilado como um Golias. Eu não sei se essa emoção funcionaria na presença de um campo de feno, uma vez que eu nem nunca possuí nem nunca desejei possuir um. Não, não era o feno aquilo que nos preocupava. Eram os três animais, os dois cavalos e a vaca, em particular a vaca, que, menos dotada e equipada que os cavalos para a velocidade, poderia ser alcançada pelas chamas e talvez asfixiada, ou ao menos tão terrivelmente chamuscada a ponto de tornar-se temporariamente inadequada

às suas funções naturais; e que os dois cavalos poderiam disparar de terror, e em seu detrimento, atravessar a distante cerca de arame farpado ou podiam mesmo retornar e investir de volta às verdadeiras chamas, como é uma das mais inteligentes características desse assim chamado servo e amigo do homem.

Assim, guiado pelo Senhor Faulkner e sem mesmo esperar dar a volta pela passagem arqueada, nós irrompemos pela própria sebe e, guiados pelo Senhor Faulkner que se movia numa velocidade realmente inacreditável para um homem de hábitos que podiam ser chamados quase violentamente sedentários por natureza, nós atravessamos o quintal e os canteiros de flores da Senhora Faulkner e então o seu jardim de rosas, embora eu direi que tanto Oliver quanto eu mesmo fizemos algum esforço para evitar as plantas; e seguindo pela horta adjacente, onde mesmo o Senhor Faulkner não podia causar nenhum mal uma vez que nesta estação do ano estava isenta de matéria comestível; e seguindo para a cerca apainelada do pasto sobre a qual o Senhor Faulkner saltou com aquela mesma agilidade e velocidade e palpável negligência de membros que era na verdade estupefaciente – não somente por causa do seu humor naturalmente letárgico, que eu já indiquei, mas por causa daquela forma e figura que ordinariamente o acompanha (ou ao menos assim ocorre no caso do Senhor Faulkner) – e fomos imediatamente enovelados em fumaça.

Mas logo ficou evidente pelo seu odor que esta vinha, não do feno que deve ter ficado intacto mesmo que não verde e então desaparecido em holocausto indubitavelmente durante os poucos segundos nos quais Oliver gritava as suas notícias, mas, do bosque de cedros ao pé do pasto. Não obstante, odor ou não odor, sua cortina de fumaça cobria toda a cena visível, embora adiante de nós pudéssemos ver a rastejante linha de conflagração além da qual as três desafortunadas bestas agora saltavam ou disparavam em terror por suas vidas. Ou assim pensamos até, ainda levados pelo Senhor Faulkner e apressando-nos agora sobre um chão estígio e desolado que quase imediatamente tornou-se bastante desagradável às solas dos pés e prometia tornar-se mais ainda, algo monstruoso e de contorno bravo disparou de entre a fumaça. Era o maior dos cavalos, Stonewall – uma besta congenitamente brutal que ninguém ousava

aproximar exceto o Senhor Faulkner e Oliver, e nem mesmo Oliver ousava montar (embora por que Oliver ou o Senhor Faulkner quereriam fazê-lo fuge para sempre a minha compreensão) que avançava sobre nós com a intenção evidente de aproveitar essa oportunidade para destruir a ambos, seu dono e seu tratador, comigo incluído por pura mercê ou talvez por puro ódio de toda a raça humana. Tinha evidentemente alterado sua mente, contudo, desviando e desaparecendo novamente na fumaça. O Senhor Faulkner e Oliver haviam parado e concedido-lhe apenas um olhar. “Eu acho que eles tão bem,” Oliver disse. “Mas onde o sinhô acha que a Beulah tá?”

“Do outro lado daquele fogo de _____, recuando em frente a ele e berrando,” replicou o Senhor Faulkner. Ele estava correto, porque quase imediatamente nós começamos a ouvir o lamento da pobre lúgubre criatura. Eu tenho freqüentemente comentado agora como tanto o Senhor Faulkner quanto Oliver aparentemente possuem uma curiosa e especial relação com bestas chifrudas e providas de casco, e mesmo com cachorros, que eu alegremente admito não possuir e nem mesmo entender. Quer dizer, eu não posso entender isso no Senhor Faulkner. Quanto ao Oliver, naturalmente, animal de todo tipo poder-se ia dizer que é de sua vocação, e seu remanchar (essa é a palavra exata; eu o tenho observado mais de uma vez, imóvel e aparentemente reflexivo e de fato quase ao modo de um peregrino, com o cabo do cortador de grama ou da enxada ou do ciscador como suporte) com o cortador de grama e ferramentas de jardinagem como seu diletantismo ou hobby. Mas o Senhor Faulkner, um membro em boa posição da antiga e aristocrática profissão das letras! Mas então nem podia eu compreender por que ele desejaria montar num cavalo, e a idéia ocorreu-me de que o Senhor Faulkner adquiriu seu interesse gradualmente e talvez durante um longo período de tempo de contato do seu traseiro com o animal em que se escarranchava.

Seguimos a toda pressa em direção ao som dos berros fatais da criatura. Eu pensei que viessem das chamas talvez e que eram os lamentos finais da sua agonia – uma parva acusação da besta do próprio paraíso – mas Oliver disse não, que vinha de além do fogo. Agora ocorria nela uma alteração a mais peculiar. Não era um acréscimo de terror, que mal teria sido possível. Eu posso descrevê-la

melhor dizendo que ela agora soava como se tivesse resvalado abruptamente para dentro da terra. Isso concluímos ser verdadeiro. Eu creio contudo que dessa vez a ordem requer, e o elemento de suspense e surpresa que os próprios gregos autorizaram o permitir, que a estória progrida na seqüência de eventos tal como ocorreram ao narrador, muito embora o feito do evento real lembrou ao narrador o fato ou circunstância com o qual ele já era familiar e do qual o leitor deveria ter sido previamente informado. Dessa forma eu prosseguirei.

Imagine-nos, então, correndo a passos largos (mesmo que o terror abismal na voz da besta desafortunada não tivesse sido inventivo o bastante, nós tínhamos um outro: na manhã seguinte, quando eu levantei um dos sapatos que eu tinha usado nessa momentosa tarde, a sola inteira esmigalhou-se numa substância parecendo nada mais que aquilo que poderia ter sido raspado dos tinteiros dos dias de escola da infância no começo do semestre outonal) naquela planície estígia, nossos olhos e nossos pulmões doendo com a fumaça ao longo de cuja borda mais distante a borda do fogo crepitava. Novamente uma forma selvagem e monstruosa materializou-se em violento movimento à nossa frente, mais uma vez parecendo ter o objetivo frenético e declarado de nos demolir. Por um momento horrível eu acreditei haver o cavalo, Stonewall, retornado porque depois de nos ultrapassar uma considerável distância (pessoas fazem isso; possivelmente poderia da mesma forma ocorrer num animal, seus sentidos nativos mais refinados obnubilados pela fumaça e terror), lembrando ter visto a mim ou me reconhecido, e tinha agora retornado para destruir-me sozinho. Eu nunca gostara do cavalo. Era uma emoção até mais forte que o mero medo; era aquela repugnância horrorizada que eu imagino deve-se sentir com relação a uma sucuri e sem dúvida mesmo as sensibilidades sub-humanas do cavalo tinham percebido e tinham vindo reciprocamente. Eu estava enganado, todavia. Era o outro cavalo, o cavalo menor que Malcolm e James montavam, aparentemente com júbilo, como se em miniatura da perversão estulta do seu pai e tio – uma criatura arredondada e indiscriminada, tão gentil quanto o maior era temível, com um lábio superior pendente e triste e um olhar inarticulado e (embora para mim ainda maldoso e não confiável) perplexo; ele, também, desviou-se de nós e também desapareceu

pouco antes de alcançarmos a linha de flamas que nem era tão grande nem tão aterrorizante como tinha parecido, embora a fumaça estivesse mais espessa, e parecesse estar repleta da agora troante e aterrorizada voz da vaca. Na verdade, a voz da pobre criatura parecia agora estar em toda a parte: no ar acima de nós e na terra sob nós. Com o senhor Faulkner ainda na liderança nós saltamos sobre ela, ao tempo em que o Senhor Faulkner imediatamente desapareceu. Ainda no ato de correr, ele simplesmente desapareceu fumaça afora diante dos olhares de Oliver e dos meus como se ele também tivesse caído dentro da terra.

Isso é o que ele também tinha feito. Com a voz do Senhor Faulkner e o terror troante da vaca saindo de dentro da terra a nossos pés e a linha rastejante da conflagração bem atrás de nós, eu agora compreendia o que havia acontecido e então achei a solução para o desaparecimento do Senhor Faulkner assim como para a prévia alteração na voz da vaca. Eu agora compreendia que, confundido pela fumaça e pela sensação incandescente nas solas dos pés, eu tinha ficado desorientado e não havia conseguido conscientizar-me de que todo o tempo estivemos nos aproximando de um rego ou ravina de cuja presença eu estava bem ciente, tendo-a observado mais de uma vez ao caminhar nas tardes enquanto o Senhor Faulkner montava o cavalo grande, e sobre cuja beirada ou borda Oliver e eu agora nos postávamos e dentro da qual o Senhor Faulkner e a vaca tinham, a cada turno e na ordem inversa, caído.

“Está ferido Senhor Faulkner?” eu gritei. Eu não tentarei reproduzir a resposta do Senhor Faulkner, além de indicar que foi baseada naquele puro, antigo e clássico Saxão que o melhor da nossa literatura sanciona e autoriza e que, devido às exigências de estilo e conteúdo do Senhor Faulkner, eu freqüentemente emprego mas que eu mesmo nunca uso embora o Senhor Faulkner mesmo em sua vida privada seja bastante viciado nelas e que, quando as emprega, indica o que poderia ser chamado um estado do mais robusto, embora de modo algum controlado, bem estar. Assim eu sabia que ele não estava machucado. “Que fazemos agora?” perguntei a Oliver.

“É melhor nois descer naquele buracu tombém, “ Oliver replicou. “Cê num sente aquele fogo bem atrás de nois?” Eu tinha esquecido do fogo na minha

preocupação com o Senhor Faulkner, mas ao olhar para trás senti instintivamente que Oliver estava certo. Assim rolamos ou caímos na declividade arenosa e escarpada, até o fundo da ravina onde o Senhor Faulkner, ainda falando, estava e onde a vaca agora estava seguramente abrigada embora ainda num estado de completa histeria, de cujo ponto ou santuário nós olhávamos a conflagração passar, as chamas desintegrando-se, crepitando e morrendo ao longo das bordas da ravina. Então o Senhor Faulkner falou:

“Vá pegar o Dan, e traga a corda grande do galpão.”

“O Senhor quer dizer eu?” eu disse. O Senhor Faulkner não respondeu, então ele e eu ficamos ao lado da vaca que ainda não parecia ter compreendido que o perigo havia passado ou talvez cujo intelecto mais oculto e bruto sabia que o verdadeiro sofrimento e injúria e desespero ainda estavam por vir – e observamos Oliver subir ou engatinhar declividade acima. Ele desapareceu por algum tempo, embora depois de algum tempo voltasse, trazendo o cavalo menor e menos intratável que estava enfeitado com arreios, e carregando a corda; depois do que teve início o árduo negócio de desenredar a vaca. Uma das pontas da corda estava amarrada aos chifres, ela ainda objetando violentamente; a outra ponta amarrada ao cavalo. “Que devemos fazer?” perguntei.

“Empurre,” disse o Senhor Faulkner.

“Onde devo empurrar” eu perguntei?

“Em qualquer ----- de lugar,” disse o Senhor Faulkner. “Empurra e pronto.”

Mas parece que não podia ser feito. A criatura resistia, talvez à puxada da corda ou talvez aos gritos e berros de encorajamento de Oliver, vindos da borda acima ou possivelmente à impulsão fornecida pelo Senhor Faulkner (ele estava diretamente atrás, quase debaixo dela, seus ombros contra as nádegas dela ou seus lombos e praguejando ininterruptamente agora) e eu. Ela fez um galante esforço, engatinhou até quase a metade da rampa, perdeu o equilíbrio e escorregou de volta. Mais uma vez tentamos e fracassamos, e depois novamente. E então o mais lamentável dos acidentes ocorreu. Nessa terceira vez a corda ou escorregou ou rompeu-se, e o Senhor Faulkner e a vaca foram violentamente atirados ao fundo do precipício com o Senhor Faulkner por baixo.

Mais tarde –naquela noite, para ser exato – eu relembro agora, no momento em que olhávamos Oliver engatinhar para fora da ravina, parece-me haver recebido, como se por telepatia, da pobre criatura (uma mente feminina; uma fêmea solitária entre três homens) não somente o seu terror mas o motivo dele: que ela sabia pelo sagrado instinto feminino que o futuro lhe reservava aquilo que é para uma fêmea pior do que qualquer medo de ferimento corporal ou injúria: uma daquelas invasões da privacidade feminina onde, vítima desamparada do seu próprio corpo físico, ela parece ver-se a si mesma como objeto de algum maligno poder de ironia e de ultraje; e isso todavia mais amargo pelo fato de que aqueles que estão para testemunhá-la, não importa quão cavalheiros sejam, nunca serão capazes de esquecê-lo mas caminharão sobre a terra com a recordação do ocorrido por tanto tempo enquanto a vida dela dure; --sim, ainda mais amargo pelo fato de que eles que estão para testemunhá-la são cavalheiros, pessoas de sua própria classe. Lembrem como a pobre exausta e aterrorizada criatura havia sido por toda uma tarde a vítima cega e angustiada de uma circunstância que ela não podia compreender, tinha sido ridicularizada por um elemento que ela instintivamente temia, e tinha agora sido recentemente e violentamente atirada por um precipício abaixo cujo topo ela indubitavelmente cria agora que jamais veria de novo. – Fui informado por soldados (eu servi na França, no Y. M. C. A.) de como, ao entrar numa batalha, sempre se instaura entre eles, por prematuro que seja, um certo impulso ou desejo que produz um resultado bastante lógico e bastante natural, a satisfação daquilo que é incontestável e naturalmente irrevogável.— Numa palavra, o Senhor Faulkner lá embaixo recebeu toda a descarga da tarde de angústia e desespero da pobre criatura.

Tem sido minha sorte ou infortúnio levar aquilo que é – ou poderia ser – chamada, uma vida calma, muito embora não isolada; e eu tenho mesmo preferido adquirir minha experiência lendo o que sucedeu a outrem ou o que outros homens acreditam ou pensam poderia ter logicamente ocorrido a criaturas da sua invenção ou mesmo inventando o que o Senhor Faulkner concebe que poderia ter acontecido a certas e diversas criaturas que compõem os seus romances e histórias. Não obstante, imagino que um homem nunca é velho demais nem tão

seguro para sofrer o que poderia ser chamado de experiências de originalidade e bizarrice primordiais, embora naturalmente nem sempre o opróbrio, seguindo o que sua reação seria quase sempre invariavelmente inusitada. Ou ao contrário, seguindo o que sua reação revelaria aquele real caráter que por anos ele pode ter com êxito escondido do público, de seus íntimos, e de sua mulher e família; e até de si mesmo talvez. Eu diria que era uma dessas que o Senhor Faulkner acabava de sofrer.

De qualquer jeito, seus atos durante os subseqüentes minutos eram os mais peculiares em se tratando dele. A vaca – pobre fêmea sozinha entre três homens – lutava por erguer-se quase imediatamente e ficou, histérica ainda embora sem violência, tremendo ao invés numa espécie de horror abatido ainda não tornado desespero. Mas por um tempo o Senhor Faulkner, prostrado na terra, não se moveu de modo algum. E então ele ergueu-se. Ele disse, “Esperem”, o que naturalmente deveríamos fazer até que ele desse outras ordens ou instruções. Então -- a pobre vaca e eu, e Oliver olhando para baixo de lá de cima ao lado do cavalo – nós olhamos o Senhor Faulkner caminhar calmamente alguns passos pela ravina e sentar-se, seus cotovelos sobre os joelhos e seu queixo sustentado por suas mãos. Não era o sentar-se que era peculiar. O Senhor Faulkner fazia isso com frequência – consistentemente talvez seja uma palavra melhor – quando não dentro de casa, então (no verão) bem próximo numa grande cadeira na varanda logo do outro lado da janela da biblioteca onde eu estaria trabalhando, seus pés sobre a grade, lendo uma revista de detetive; no inverno na cozinha, seus pés calçados com meias dentro do forno do fogão. Era a atitude na qual ele agora se sentava. Como eu indiquei, havia uma qualidade quase violenta no sedentarismo do Senhor Faulkner; este seria imóvel sem que de modo algum fosse letárgico, se posso assim dizer. Ele agora se sentava na atitude do *Pensador* de Monsieur Rodin elevada á sua décima potência geométrica digamos, uma vez que a principal perplexidade do pensador parece ser com respeito ao que o absorve, enquanto o Senhor Faulkner não pode ter tido nenhuma dúvida. Nós o observávamos calmamente – eu, e a pobre vaca que agora se postava com a cabeça abaixada e nem sequer tremia em extrema e agora desesperançada

vergonha feminina; Oliver e o cavalo na beirada acima. Eu observei então que Oliver não tinha mais fumaça às suas costas. A conflagração imediata tinha sido superada, embora a ravina de cedros sem dúvida iria ficar assando até o equinócio.

Então o Senhor Faulkner levantou-se. Ele voltou-se calmamente e falou tão calmamente (ou mesmo mais calmamente ainda) para Oliver como jamais o ouvi: “Jogue a corda, Jack”. Oliver desatrelou a ponta da corda do cavalo e jogou-a, e o Senhor Faulkner apanhou-a e voltou-se e levou a vaca ravina abaixo. Por um momento eu o observei com uma estupefação da qual Oliver sem dúvida participava; no momento seguinte sem dúvida Oliver e eu teríamos olhado um para o outro naquele mesmo assombro. Mas nós não o fizemos; nós nos movemos; sem dúvida nos movemos no mesmo momento. Oliver nem sequer se incomodou de descer até a ravina. Ele só rodeou-a enquanto eu me apressava e alcançava o Senhor Faulkner e a vaca; de fato, nós três éramos na verdade soldados recuperados da amnésia da batalha, a batalha com as chamas pela vida da vaca. Tem sido freqüentemente observado e mesmo repetido em literatura (romances tem sido escritos sobre isso, embora nenhum deles seja do Senhor Faulkner) como, quando se deparando com a catástrofe, o homem faz de tudo menos a coisa mais simples. Mas do fundo da minha própria experiência, embora esta consista quase inteiramente desta tarde, é minha crença que em face do perigo e do desastre que ele faz a coisa simples. É meramente simplesmente errado.

Andamos pela ravina até onde ela se transformava em ângulos retos e entramos no bosque que descia até o seu nível. Com o Senhor Faulkner e a vaca na liderança nós despontamos pelo bosque e viemos ter presentemente à negra desolação do pasto na cerca à qual Oliver, esperando, já havia fabricado um furo ou orifício pelo qual nós passamos. Então com o Senhor Faulkner novamente na liderança e com Oliver, levando o cavalo e a vaca, e eu lado a lado, nós retraçamos por aquela desolada planície o curso de nossa recente corrida desesperada para oferecer socorro, embora voltando-nos um tanto à esquerda a fim de aproximarmos-nos do estábulo – ou do celeiro. Tínhamos quase alcançado a

extinta plantação de feno quando, sem aviso, nos encontramos encarados por três aparições. Eles não se encontravam a dez passos quando os vimos e eu creio que nem o Senhor Faulkner nem Oliver de modo algum os reconheceram, embora eu sim. Na verdade, eu tive uma instantânea e curiosa sensação, não que eu tenha antecipado esse momento tanto quanto eu tinha estado esperando por ele durante um período que podia ser computado em anos.

Imagine-se você, se puder, de repente atirado a um mundo de completa reversão ocular e cromática. Imagine-se encarado por três pequenos fantasmas, não do branco mas do mais puro e irremissível negro. A mente, a inteligência, simplesmente recusa acreditar que eles se tivessem refugiado de seu crime recente ou má conduta na plantação de feno antes que ela pegasse fogo, e vivessem. E entretanto lá estavam eles. Aparentemente eles não tinham sobrancelhas, nem cílios nem cabelo; e a epiderme a roupa e tudo, eram de um autêntico castanho-marta-zibelino, e a única maneira pela qual Rover ou Grover podia ser distinguido dos outros dois era pelos olhos azuis de Malcolm e James. Eles ficaram nos olhando em completa imobilidade até que o Senhor Faulkner disse, de novo com aquela quietude e gentileza refinadas que, dada a minha teoria de que a alma, mergulhada sem aviso em alguma catástrofe inesperada e medonha, aparece em suas verdadeiras cores, tem sido o verdadeiro e oculto caráter do Senhor Faulkner todos esses anos: “Vão para casa.”

Eles deram a volta e desapareceram imediatamente, uma vez que tinha sido apenas pelos globos oculares que nós os havíamos distinguido da estígia superfície da terra. Eles podem ter nos precedido ou nós podemos tê-los ultrapassado. Eu não sei. Ao menos, nós não os vimos novamente, porque presentemente nós deixamos a planície castanho-marta-zibelina que havia testemunhado nosso Gethsemane, e presentemente entrávamos no pasto onde o Senhor Faulkner virou-se e tomou as rédeas do cavalo enquanto Oliver levava a vaca para o seu domicílio privado e separado, do qual vinha presentemente o som da mastigação como se, livre agora da angústia e da vergonha ela ruminasse, dama medita-bunda e – espero eu – uma vez mais livre pra sonhar.

O Senhor Faulkner postou-se na porta do estábulo (dentro do qual, pouco a pouco, eu podia ouvir o cavalo maior e mais violento, Stonewall, já na sua ração, coicear de vez em quando ou bater na parede com seu casco como se mesmo no ato de comer ele não pudesse deixar de produzir sons de ameaça e escárnio contra o próprio homem cujo alimento o nutria) e tirou suas roupas. Então, à plena vista da casa e de quem quer pudesse se importar ou não se importar de ver, ele ensaboou-se com sabão eqüino e em seguida ficou perto do cocho de água enquanto Oliver o molhava e lhe atirava balde sobre balde de água. “Não se importe com as roupas agora,” ele disse para Oliver.

“Dê-me um drinque.”

“Dê-me dois”, disse eu; e achei que a ocasião justificava, embora possa não ter garantido, aquela temporária distorção no vernacular do momento em curso. Assim presentemente, o Senhor Faulkner agora envergando um leve cobertor eqüino de verão pertencente a Stonewall, nos sentamos de novo sob a amoreira com a segunda gasosa da tarde.

“Bem, Senhor Faulkner”, disse eu depois de um tempo, “devemos continuar?”

“Continuar o que?” disse o Senhor Faulkner.

“Suas sugestões para amanhã”, disse eu. O Senhor Faulkner nada disse de modo algum. Ele só bebia, com aquela violência estática que era seu caráter familiar, e assim eu sabia que ele era ele mesmo de novo e que o real Senhor Faulkner que tinha aparecido momentaneamente para Oliver e para mim no pasto já se havia recolhido para aquela esfera inacessível da qual apenas a vaca, Beulah, jamais o havia evocado e que sem dúvida jamais veríamos de novo. Assim sendo depois de um tempo eu disse, “Então, com a sua permissão, amanhã eu me aventurarei nos fatos e empregarei o material que nós mesmos criamos esta tarde.”

“Faça isso,” disse o Senhor Faulkner – brevemente, eu pensei.

“Apenas,” prossegui, “eu insistirei quanto à minha prerrogativa e direito de contar esta em minha própria dicção e estilo, e não no seu.”

“_____!” disse o Senhor Faulkner. “É bom que o faça.”